



## *A Padaria Espiritual... do Brasil!* *por Raymundo Netto*

Raymundo Netto é escritor e editor. Autor de *Um Conto no Passado: cadeiras na calçada* (romance, 2005), *Os Acangapebas* (contos, 2012), *Cronologia Comentada de Juvenal Galeno* (ensaio, 2010), e dos infantojuvenis *A Bola da Vez* (2007), *A Casa de Todos e de Ninguém* (2009) e *Os Tributos e a Cidade* (2010). É cronista do Caderno Vida & Arte do jornal O POVO desde 2007 e mantém o blogue *AlmanaCULTURA* (<http://raymundo-netto.blogspot.com.br>)

# A Padaria Espiritual... do Brasil!

Qualquer coisa que nasça no Ceará, corre o perigo de crescer e morrer nele.

Ainda hoje assistimos com pesar muitos de nossos talentos, seja na literatura, no teatro, na música etc, serem, várias vezes e até covardemente, “enterrados” e esquecidos, não apenas para além das divisas estaduais, mas aqui mesmo, no seu berço, à traição, apunhalados pela ignorância, comodidade, vaidade, inveja e pela absoluta ausência de políticas estaduais e municipais que priorizem, acolham, difundam e conservem a riqueza de nosso patrimônio artístico, literário e cultural. Não nos referimos apenas à gestão de órgãos públicos ligados ao governo estadual e municipais, mas às próprias universidades e seus departamentos de Letras (ao nos referirmos à literatura) que, não fossem as iniciativas individuais de alguns de seus titulares, poderiam encontrar-se até na França, pois não se veem nelas a “digital cearense”, tampouco a defendem, formando profissionais que não gostam de “ler literatura” – uma das maiores ironias que já vi – a bater no peito de conhecer toda ela cearense, leia-se “Rachel de Queiroz” e “Patativa do Assaré”, segundo eles, os seus únicos representantes válidos, pois que “José de Alencar”, é claro, ninguém mais lê, por ser “antigo” e “muito romântico”.

Felizmente, o trabalho persistente (leia-se paixão e atitude) de alguns desses professores, dentre eles, Sânzio de Azevedo, Fernanda Coutinho, Vera Moraes, Sarah Diva Ipiranga, Linhares Filho, Batista de Lima, Vânia Vasconcelos, Neuma Cavalcante, Angela Gutierrez, Lourdinha Leite Barbosa, Cleudene Aragão, Aila Sampaio, Carlos Carvalho, Teoberto Landim, Paulo de Tarso “Pardal”, Odalice de Castro Silva, e outros, assegurou, como fruto, alunos e pesquisadores, jovens que, em “resistência”, e às vezes até sob ameaça, empunham o estandarte da literatura talhada no Ceará, seja ela a antiga ou a contemporânea, gente provavelmente louca, daquelas que nos apaixonam e nos motivam a crer num futuro de honestidade, dignidade, ideal, justiça e, não pasmem, de CULTURA!

Foi assim que, há 120 anos, um grupo de rapazes admiradores de livros, decidiu criar uma sociedade de artes, a Padaria Espiritual, agremiação cultural mais original dos rincões cearenses. Por trás dela, e à frente também, um nome: Antônio Sales, o grande mentor, seu entusiasmado difusor e “padeiro maior”. Da sua cabeça, o “Programa de Instalação”, o que é de mais criativo e marcante na história do grêmio, apresentando alguns dos postulados que seriam defendidos pela Semana de Arte Moderna, apenas 30 anos depois.

Há muita confusão sobre a estética da produção literária dos “padeiros”. Em meio às comemorações dos 120 anos da Padaria, há quem diga que eles eram “modernos”. Qual absurdo! Também nos indica o prof. Sânzio, em sua Breve História da Padaria Espiritual (Ed.UFC, 2011), que no final do século XIX, “havia ainda, no Ceará, leves reminiscências do remoto Neoclassicismo, uns restos do Romantismo, presença do Realismo, tanto no romance e no conto quanto em poemas breves, certo anseio às vezes ainda vago por um Parnasianismo, e por fim o Simbolismo”, e que “o traço mais original dos primeiros tempos da Padaria é, sem dúvida, o Simbolismo praticado por Lopes Filho e Lívio Barreto”.

Ressaltamos, por um fato histórico importante, embora não determinante, que Phantos, obra com notas simbolistas, de Lopes Filho, foi publicado em julho de 1893, anteriormente (assim como outros) ao Missal e aos Broquéis, do catarinense Cruz e Sousa, cuja publicação se deu em agosto do mesmo ano, considerada, oficialmente, como marco inaugural do Simbolismo brasileiro. Aliás, o Simbolismo no Ceará, ao contrário do que aconteceu nos demais estados, surgiu antes do Parnasianismo, que só teria início no século XX.

Tudo isso, ainda muito pouco, que descrevemos aqui, não poderia jamais ser esquecido pela historiografia da Literatura Brasileira, devendo figurar nos seus livros – escritos, ao que nos parece, de frente para o espelho e que são adotados, inclusive, em nossas escolas e universidades.

Preocupante: passados 120 anos, a Padaria Espiritual, a sua produção literária em si, é pouquíssima conhecida e estudada ATÉ no Ceará. Com exceção de Adolfo Caminha (A Normalista e O Bom Crioulo), Rodolfo Teófilo (A Fome, Os Brilhantes, Violação), Antônio Sales (Aves de Arribação, publicado em 1903, anos depois do fim da Padaria, em 1898) e, em menor escala, Lívio Barreto (Dolentes), os demais são, poderíamos dizer, “estranhos” (embora saibamos da existência de trabalhos acadêmicos sobre outros autores como Lopes Filho e X. de Castro, por exemplo).



imagem :Antônio Sales  
fonte: [http://www.antonio Miranda.com.br/poesia\\_bras/ceara/antonio\\_sales.html](http://www.antonio Miranda.com.br/poesia_bras/ceara/antonio_sales.html)

É importante que atentemos que no Ceará, infelizmente, assistimos a muitos que falam e escrevem – nas universidades, revistas, e com grande propriedade nos jornais – sobre as obras cearenses pelo “ouvi dizer”, caindo em “achismos”, defendendo fatos duvidosos com a cara de pau do equívoco sincero. O pior: essas informações são acolhidas e repassadas por gente que até parece ter gabos para afirmar aquilo que ele jamais se deu ao trabalho de conferir, ler, buscar pela sua própria crítica. Os erros tomam vulto, aprisionam e apequenam o conhecimento, logo pelas mãos daqueles que poderiam e DEVERIAM ser as vozes a serem ouvidas.

A Padaria Espiritual fora de tudo isso, deveria estar papoucando de rir, na eterna mangação deste Ceará que não se respeita e não exige. Afinal, não seria passada a hora de que o Brasil reserve na sua historiografia da Literatura Brasileira o lugar de direito do seu movimento? Estão esperando o quê? Pão de espírito aos povos em geral!